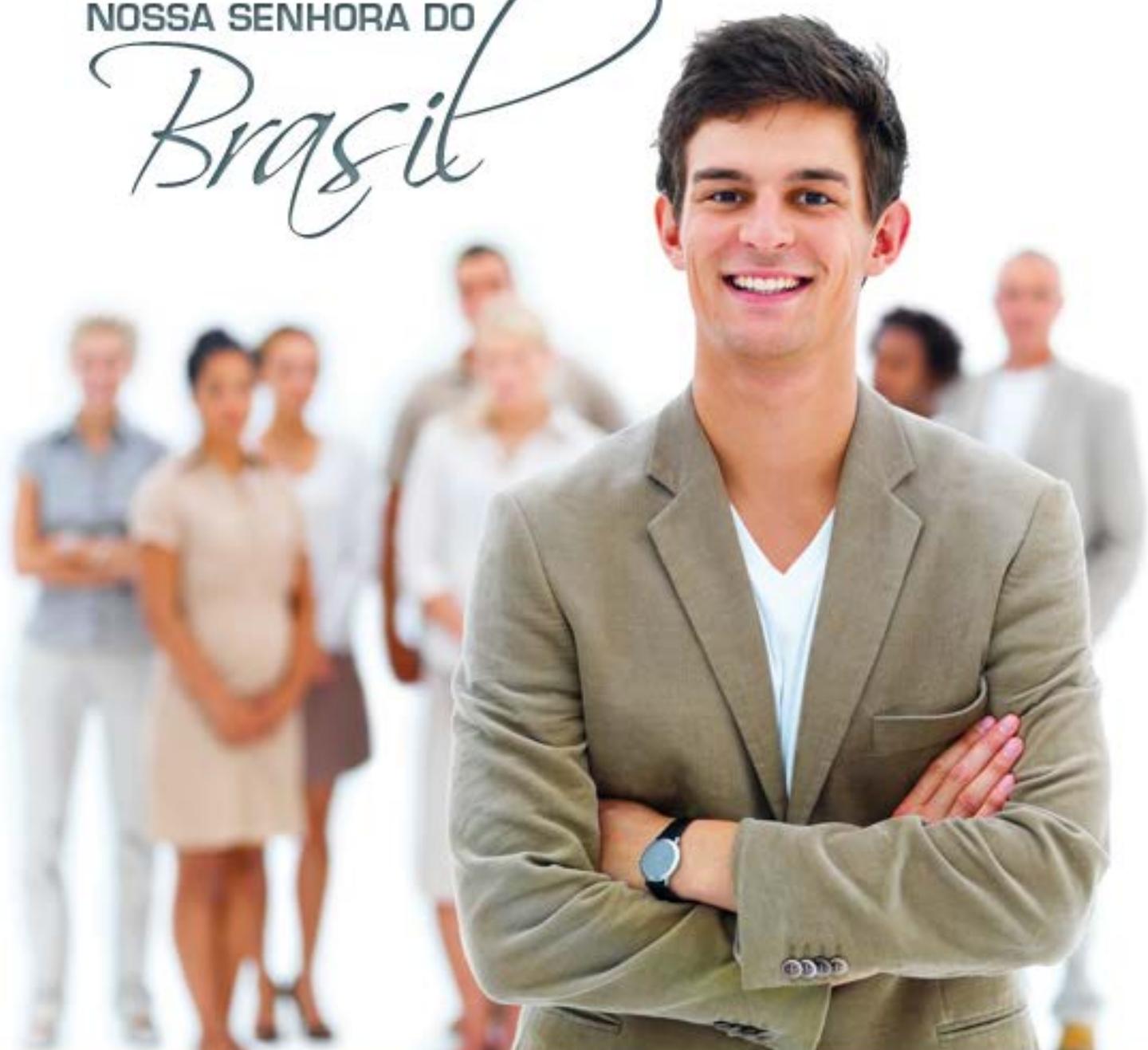


Nunca é tarde para recomeçar

Iniciação Cristã para Adultos

PARÓQUIA
NOSSA SENHORA DO

Brasil



Aula 2 - 2º semestre/2012

Apostila do Curso de Iniciação Cristã de Adultos

AULA 02

Paróquia Nossa
Senhora do Brasil

4ª Edição - 2012

Aula 02 - Creio em Deus Pai, Criador do Céu e da Terra

Nosso estudo da Doutrina Católica começa pelo Credo. Analisaremos cada um dos artigos de nossa fé, aprofundando-nos no seu significado. O Credo não é uma oração, mas uma *profissão de fé*. Sua formação

Abaixo apresentamos os dois símbolos:

Símbolo Niceno-Constantinopolitano

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,
Criador do Céu e da Terra,
De todas as coisas visíveis e invisíveis.
Creio em um só Senhor, Jesus Cristo
Filho Unigênito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os séculos:
Deus de Deus, luz da luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro;
gerado, não criado, consubstancial ao Pai.
Por Ele todas as coisas foram feitas.
E por nós, homens, e para nossa salvação
desceu dos Céus.
E encarnou pelo Espírito Santo,
no seio da Virgem Maria,
e se fez homem.
Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.
Ressuscitou ao terceiro dia,
conforme as Escrituras;
e subiu aos Céus,
onde está sentado à direita do Pai.
De novo há de vir em sua glória
para julgar os vivos e os mortos;
e o seu Reino não terá fim.
Creio no Espírito Santo,
Senhor que dá a vida,
e procede do Pai e do Filho;
e com o Pai e o Filho
é adorado e glorificado:
Ele que falou pelos Profetas.
Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica.
Professo um só batismo para a remissão dos pecados.
E espero a ressurreição dos mortos
e vida do mundo que há de vir .
Amém.

se deu ao longo de muitos anos, fruto das discussões desenvolvidas dentro da Igreja, em importante medida motivadas pelos questionamentos dos que se convertiam à fé católica e buscavam entendê-la ou dos que queriam combater a Igreja, com graus diferentes de honestidade. Professamos nossa fé hoje com duas formulações do Credo: o Símbolo dos Apóstolos e o Niceno-Constantinopolitano.

Símbolo dos Apóstolos

Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso,
Criador do céu e da terra;

e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor,

que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria;

padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado;
desceu à mansão dos mortos;
ressuscitou ao terceiro dia;

subiu aos Céus;
está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso,
de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo,

na Santa Igreja católica, na comunhão dos Santos,
na remissão dos pecados,
na ressurreição da carne,
na vida eterna.
Amém.

Embora possa parecer simples à primeira vista, cada um desses artigos de fé encerra um significado muitíssimo profundo, fruto de décadas ou séculos de amadurecimento do entendimento da Igreja a respeito da fé que lhe confiada por nosso Senhor Jesus Cristo. Trata-se da forma que foi considerada a mais adequada para expressar em palavras o conteúdo dessa fé. No entanto, a fé não é nas palavras, mas no seu significado, nas verdades por elas expressas e, por isso, é preciso que estudemos o que significa cada artigo de fé de maneira mais detida e aprofundada.

O que é a fé?

O Catecismo da Igreja diz que a “fé é a virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo o que Ele nos disse e revelou e que a santa Igreja nos propõe para acreditarmos, porque Ele é a própria verdade” (1814). São Tomás de Aquino ensina que a fé é uma virtude sediada na inteligência, ou seja, que o objeto da fé é a verdade. Existem três formas pelas quais a nossa inteligência pode assentir a uma verdade. A primeira é quando ela considera algo que percebe, de que tem a evidência, de ser verdadeiro. Assim, quando consideramos uma verdade matemática ou lógica da qual conhecemos perfeitamente a demonstração, nossa inteligência adere a ela, como que forçada a isso pela própria força da verdade. É possível chegar a algum conhecimento de Deus dessa forma, mediante o qual nossa inteligência pode perceber que Ele existe, que é puro Espírito, que é inteligente, etc.

Em outros casos, quando esse tipo de certeza não é possível porque não possuímos os elementos para se chegar a uma conclusão segura, a nossa inteligência pode aderir mesmo assim mediante um ato da vontade, que escolhe um dos lados sem saber realmente onde está a verdade. Isso é o que chamamos de “opinião”. A opinião não tem o mesmo status do

conhecimento, ela não tem a mesma firmeza, não consegue expulsar a dúvida.

Existe, além dessas duas formas de assentimento, uma terceira forma, que é justamente a fé. Na fé, nós temos um assentimento da inteligência a Deus e ao que Ele nos disse não porque enxergamos que todas essas coisas são verdadeiras (o que seria a certeza do conhecimento), mas mediante um ato da vontade (semelhante, nesse ponto, à opinião), porém com a mesma firmeza do conhecimento. Só é possível dar o assentimento com a firmeza do conhecimento, mas sem a demonstração, por causa de um terceiro elemento que atua como uma causa necessária ao ato de fé. Esse elemento é o próprio Deus. Assim, só é possível fazer um ato de fé se formos iluminados pela própria graça de Deus, que nos permite, em medida variável, “enxergar” voluntariamente com a nossa inteligência as verdades da fé católica.

Um só Deus, Pai Todo-Poderoso

O primeiro artigo, seguindo o Credo Niceno-Constantinopolitano, diz o seguinte: **“Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis”**.

Na Carta aos Romanos, São Paulo escreve: *“As perfeições invisíveis de Deus — não somente seu poder eterno, mas também a sua eterna divindade — são claramente conhecidas, através de suas obras, desde a criação do mundo” (Rm 1, 20)*. Isso significa que podemos conhecer muitas coisas de Deus pela criação. De fato, mesmo antes da revelação judaico-cristã, os homens chegaram a um profundo conhecimento sobre Deus. Aristóteles, que vivia em uma sociedade politeísta no século 4 antes de Cristo, entendeu, pela profunda meditação e estudos disciplinados pela virtude, que Deus é a forma suprema do ente e o Motor-Imóvel do Universo.

De fato, como bem explicava o Catecismo Romano, *“Das explicações dadas, segue-se também a obrigação de confessarmos que há um só Deus, e não vários deuses. A razão é óbvia. A Deus atribuímos suma bondade e perfeição. Ora, em vários seres não pode haver perfeição em grau sumo e absoluto. Se a um deles faltar alguma coisa para ser sumamente perfeito, por isso mesmo é imperfeito, e não lhe compete a natureza divina”*.

No entanto, devido às dificuldades inerentes à condição humana após o pecado original, com o predomínio das paixões desordenadas sobre a inteligência, nem sempre as pessoas conseguem chegar ao mesmo conhecimento de Deus que chegou Aristóteles. Para isso seria necessário uma vida de virtudes e de estudo e meditação profundos, o que não é o caso da maioria dos homens. Assim, em diferentes épocas e lugares, muitos tiveram concepções bastante divergentes de Deus, nem sempre tão perfeitamente coerentes com as verdades que podemos conhecer apenas pela luz da razão natural. Alguns chegam mesmo a negar a Sua própria existência.

A Providência divina vem em socorro da miséria humana, ajudando-nos, pelas suas obras maravilhosas, a elevarmo-nos ao conhecimento da verdade. Mas a Revelação não pára naquilo que poderíamos conhecer apenas pela razão natural. Ela também nos permite conhecer o próprio Deus com uma profundidade inacessível ao homem, mesmo um homem virtuoso e inteligente como Platão ou Aristóteles. Assim, pela Revelação divina, ficamos sabendo que Deus não é apenas a Causa primeira de todos os seres, mas que Ele nos ama como filhos e nos quer fazer participantes de sua própria felicidade divina, *“pois o próprio Pai vos ama”* – nos diz Jesus, segundo o Evangelho de São João. A diferença entre o conhecimento acessível mediante a razão natural e o conhecimento acessível pela fé é bem expressa na

seguinte sentença, retirada do livro “Sentenças de Sabedoria”, do professor Antonio Donato:

“Uma coisa é a firme certeza de que existe um ser inteligente e imaterial que é a causa de todas as coisas; outra coisa muito diferente é crer que somos amados pela causa primeira como seus filhos, que quando oramos a causa primeira nos ouve como um pai, e que ela nos espera após o término desta vida como a um ente querido para nos fazer felizes por toda eternidade. Que dizer da afirmação segundo a qual Jesus Cristo era a causa primeira crucificada por ordem de Pôncio Pilatos? Ou daquela segundo a qual na causa primeira, perfeitamente uma, subsistem desde toda eternidade três pessoas que compartilham uma só divindade, que se conhecem e se amam com uma felicidade que supera o alcance de qualquer entendimento? Que essa causa primeira nos ama a ponto de se ter deixado crucificar pelos homens e que esteja nos esperando após o término desta vida para nos fazer felizes, comunicando-nos a sua própria felicidade, aquela que há nela mesma em virtude da trindade de suas pessoas, é algo que está além dos sonhos mais extraordinários que o homem possa conceber. Não há virtude humana capaz de sozinha, sem o auxílio da graça do Espírito Santo, fazer a inteligência assentir a afirmações desta natureza com a firmeza e a constância que as Sagradas Escrituras atribuem à fé”.

A Santíssima Trindade e o Todo Poderoso

Nosso Senhor nos revelou que Deus é um em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. O Catecismo da Igreja nos diz a esse respeito o seguinte: *“O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. Só Deus pode dar-nos o seu conhecimento, revelando-Se como Pai, Filho e*

Espírito Santo” (261). Como compreender a Trindade em Deus?

A Santíssima Trindade nos é revelada na Sagrada Escritura, sobretudo, por meio das missões divinas. No antigo testamento, a Trindade está apenas insinuada e latente em algumas passagens, porque era preciso primeira estabelecer a crença na unidade divina:

“Ouve, ó Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor!” (Dt 6:4)

Ao longo dos evangelhos, no entanto, fica manifesta a intenção de Deus de se revelar como Trindade. Para isso, Ele envia o seu Filho, nascido de mulher, para habitar entre nós. Em seguida, o Filho é crucificado, morto e sepultado e ressuscita ao terceiro dia. Após a ressurreição, o Filho ascende aos céus, de onde, junto com o Pai, envia o Espírito Santo aos Apóstolos no dia de Pentecostes. Em muitas passagens percebe-se que Jesus, o Filho, é Deus igual ao Pai, e que Espírito Santo também é Deus, igual ao Pai e ao Filho. Assim, as missões do Filho e do Espírito Santo realizam no tempo, sucessivamente, aquilo que Deus é imutavelmente desde toda a eternidade, para que nos fosse dado como conhecê-Lo.

São Tomás de Aquino nos ensina que Deus deve ser entendido por analogia com as criaturas mais nobres, portadoras de inteligência e vontade. Quando uma criatura dessas – como o homem, por exemplo – compreende alguma coisa, surge na sua mente como que um produto desse ato de inteligência. De uma forma bem simplista, poderíamos comparar isso com uma pessoa que precisa dar uma aula. Para dar a aula, a pessoa precisa primeiro entender o assunto com uma certa profundidade. Se ela ainda não entendeu, o próprio esforço de preparar a aula, que no fundo é um produto exterior do seu entendimento, a ajudará a

entender o assunto. Enquanto o entendimento não for profundo, não será possível elaborar a aula, e quando o entendimento for profundo, a aula facilmente poderá ser preparada. Assim, as palavras que o professor oferece aos alunos na sua aula são um produto do seu ato intelectual. Mas entenda-se que elas na verdade são um segundo produto, relacionado com, mas distinto do primeiro, que é puramente interior. Da mesma forma como existe um verbo exterior passado aos alunos na aula, existe um outro verbo, interior, que o precede e acompanha o próprio ato intelectual. Podemos chamar isso de verbo mental, o produto interior da inteligência ao compreender uma verdade.

No ser humano, o verbo mental que produzimos não é a própria coisa inteligida, mas apenas um produto mental que a nossa mente cria ao entendermos essa coisa. Em Deus, diferentemente, não há verbo mental quando Ele entende alguma coisa, porque o entendimento de Deus é a própria coisa, inteiramente. Tudo o que existe Deus conhece perfeitamente, de forma tão perfeita que o conhecimento de Deus não se distingue das próprias coisas existentes e, por isso, Ele não precisa de verbo para entendê-las. E, no entanto, por uma superabundância que não deixa de ser misteriosa, ao inteligir a Si mesmo desde toda a eternidade, o Pai gera um Verbo, que não poderia ser outra coisa que não o mesmo Deus com Ele.

Uma segunda coisa que devemos ter em mente sobre a Santíssima Trindade é que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Na analogia com o ser humano, podemos considerar que, quanto melhor conhecemos uma pessoa, tanto mais a amamos. No caso do verbo, só conseguimos elaborar uma aula se entendermos profundamente o assunto – ou seja, o entendimento mais profundo é inseparável do próprio verbo. Pois bem, algo semelhante pode ocorrer com o amor: quando o amor que temos por alguém é muito profundo, ele também produz em nós uma marca, ou

espécie de “verbo”, mas que não é propriamente um verbo porque não é intelectivo. Trata-se de um “verbo de amor”. Assim, podemos ter uma idéia da Santíssima Trindade a partir do próprio homem, que, criado à imagem e semelhança de Deus, ao se santificar, torna-se realmente como que um Seu espelho.

Santo Agostinho, em sua monumental obra *De Trinitate*, nos mostra a importância da Santíssima Trindade para a fé católica e o desenvolvimento espiritual dos cristãos: “*em nenhum assunto mais perigosamente se erra, em nenhum a busca pela verdade é mais laboriosa e a descoberta mais frutuosa*” (*De Trinitate I, 3*).

Quando proclamamos que Deus é ‘Todo Poderoso’, nos referimos à sua onipotência. O Salmo 115 diz que Deus “*Faz tudo quanto lhe apraz*”. Tendo criado todas as coisas que existem, também sustenta todas elas na existência e, na verdade, nada acontece que não esteja de acordo com a sua divina providência. São Paulo afirma que Deus conduz todas as coisas para o bem daqueles que O amam (Rm 8:28). Assim, o fiel cristão que crê na onipotência divina e se esforça por amar a Deus também crê que todas as coisas que acontecem em sua vida estão ordenadas para o seu próprio bem, mesmo os momentos de provação e dificuldade.

A criação

O livro do Gênesis, primeiro da Sagrada Escritura, nos relata a história da criação do mundo e do homem, bem como de sua queda com o pecado original. Tornou-se comum o entendimento de que a ciência moderna já teria provado o erro histórico dessa narrativa, com a teoria do *big-bang* ou com a teoria da evolução das espécies. A verdade, no entanto, está muito longe disso. Se, por um lado, é

possível especular a respeito do surgimento do universo a partir de uma grande explosão ou das espécies a partir de uma evolução natural, por outro lado, não é possível duvidar racionalmente de que essas teorias, se verdadeiras, dependeriam de uma ordem, de uma razão, de um *logos* ordenador das coisas criadas. A razão de ser do mundo criado, seu *logos*, preexiste a todas as coisas. Se o universo se comporta segundo leis matematicamente descritíveis, como sugere a ciência moderna, quem estabeleceu essas leis? Como elas surgiram? Ou será que sempre existiram? Sejam essas leis conhecidas mais ou menos perfeitamente pela ciência, o que é mais fundamental é perceber que o universo não é um aglomerado caótico de matéria, mas um todo ordenado. E, mais interessante ainda, o universo é um todo ordenado de forma que a inteligência humana parece ser capaz de compreender. Como isso é possível? Como pode haver essa compatibilidade entre o universo material e a inteligência imaterial?

O primeiro versículo da Bíblia diz “*No princípio, criou Deus o céu e a terra*” (Gn 1:1). O evangelho de São João completa essa informação, dizendo que “*No princípio era o Verbo (Logos, em grego), e o Verbo estava diante de Deus, e o Verbo era Deus*” e que “*tudo foi feito por meio d’Ele e sem Ele nada foi feito*” (Jo 1:3). O Verbo é a segunda pessoa da Santíssima Trindade, que procede do Pai a modo intelectivo e é por meio d’Ele que tudo foi criado. A ordem do universo só existe porque tem sua origem em uma Inteligência. É por esse mesmo motivo que nós, seres inteligentes, temos acesso a ela e podemos compreendê-la, ao menos em parte.

“A criação – diz o Catecismo da Igreja – é o fundamento de «todos os desígnios salvíficos de Deus», «o princípio da história da salvação», que culmina em Cristo” (280). Deus criou o mundo para compartilhar sua vida íntima de amor e comunhão

entre as Pessoas da Trindade.

O primeiro relato da Criação

Diz Hugo de São Vítor no seu sermão sobre a obra dos seis dias:

“No primeiro dia fez Deus a luz primordial, no segundo o firmamento, no terceiro congregou as águas inferiores em um único lugar, no quarto fez os luminares, no quinto as aves e os peixes, no sexto os animais. Criado, pois, o mundo, ordenado e ornamentado, e preparado primeiro tudo o que fosse necessário, cômodo e agradável ao corpo do homem, naquele mesmo sexto dia fez também Deus o homem, constituindo-o senhor de tudo e possuidor de todas as coisas. Deste modo, embora tenha sido criado posteriormente no tempo, por causa de sua dignidade, o homem é anterior e superior a todas as demais criaturas. Deus fez, efetivamente, o mundo sensível por causa do homem, para que o mundo estivesse submetido ao seu corpo, o corpo ao espírito, e o espírito ao Criador.

Preparou também o Criador dois bens para o homem, visto ele ter sido feito de uma dupla natureza. Um destes bens era visível, o outro invisível; um era corporal, o outro espiritual; um transitório e outro eterno, ambos plenos e perfeitos em seus gêneros. O primeiro destes bens foi feito para o corpo, o segundo para o espírito, para que pelo primeiro os sentidos do corpo fossem favorecidos à alegria e pelo segundo os sentidos da alma se saciassem pela felicidade. Para o conforto do corpo e para a alegria do espírito, os bens visíveis haviam sido feitos para o corpo e os invisíveis para o espírito. O primeiro destes bens foi concedido por Deus para que fosse gratuitamente possuído; o segundo foi prometido

para que fosse buscado pelo mérito. O bem que era visível foi concedido gratuitamente, para que, pelo dom gratuito, ficasse demonstrada a excelência da promessa; e o que era invisível foi proposto para que fosse buscado pelo mérito, para que pudesse também ser demonstrada a fidelidade de quem o prometia. Depois que o homem, porém, obscurecido pelas trevas do pecado, perdeu o olho da contemplação, a totalidade das coisas visíveis não somente continuou a lhe oferecer o amparo para a sustentação do corpo, como também passou a lhe prestar o auxílio para a apreensão do conhecimento divino. De fato, está escrito:

"As coisas invisíveis de Deus, depois da criação do mundo, tornaram-se visíveis ao entendimento pelas coisas que foram feitas" (Rom. 1, 20).

O mundo foi criado para o homem. O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus para compartilhar de sua vida e felicidade trinitária. É o que diz a Sagrada Escritura: *“Façamos o ser humano à nossa imagem e segundo nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais selvagens e todos os animais que se movem pelo chão. Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou. Homem e mulher ele os criou”* (Gn 1, 26-27). A centralidade do ser humano mostra sua dignidade e a bondade de Deus, que o fez “capaz de Deus”.

Hugo de São Vítor, no texto citado, nos mostra o significado espiritual que está, sem contradizê-lo, apoiado sobre o sentido literal do relato da criação, explicando o que significam na obra da restauração humana a luz, os luminares, o céu, a terra, as águas, as aves, etc.

O segundo relato da Criação: o Pecado Original

O relato da queda pode parecer estranho para quem não tem fé. O que não é possível negar convincentemente é o estado da natureza humana. Basta um rápido olhar para o mundo, para todos os males que os homens infligem uns aos outros, para percebermos que há algo de errado conosco. Se formos sinceros, seremos capazes de ver a desordem interior em nós mesmos. Isso é o que a Igreja chama de “marca” do pecado original. O pecado original não é uma corrupção total e irreversível do homem, mas uma desordem na sua inteligência e na sua vontade, que o inclina ao pecado. Vejamos a explicação de Hugo de São Vítor a esse respeito:

“O homem, portanto, criado à imagem e semelhança de Deus, foi ele próprio constituído como que na parte mais excelente da providência divina como senhor do mundo no paraíso das delícias. A mesma divina providência acrescentou à razão do homem a advertência necessária para conservar o bem que possuía e o instruiu na busca e na obtenção dos bens que ele ainda não possuía pelo preceito da obediência juntamente com a operação da graça. O demônio, porém, viu e invejou que aquele homem subiria pela obediência ao lugar de onde ele próprio pela soberba havia caído. Como, porém, não poderia causar-lhe dano pela violência, voltou-se para a fraude, para poder vencer pela trapaça ao homem, a quem não poderia superar pela virtude. Enganando assim o demônio ao homem, infligiu-lhe dois males principais que se opõem a estes dois bens principais, ferindo-o com duas chagas mortais. Onde o homem havia sido feito à imagem de Deus segundo a razão, feriu-o pela ignorância do bem. Onde o homem havia sido feito à semelhança de Deus segundo o amor, feriu-o pelo desejo do mal. Estes são os dois males principais a partir dos quais procedem todos os

demais males do homem. Da ignorância procede o delito, da concupiscência procede o pecado. O delito ocorre quando não se faz o que deveria ser feito. O pecado ocorre quando se faz o que não se deve fazer. O homem, portanto, espoliado e ferido, espoliado dos bens, ferido pelos males, foi deixado semi-vivo, pois ainda que na natureza humana a divina semelhança que consiste no amor possa ser inteiramente corrompida, todavia a imagem divina, que está na razão, não pode ser totalmente apagada. De fato, embora a malícia possa tomar conta de alguém a tal ponto que nada mais ele possa desejar de bom, ninguém pode, porém, tornar-se cego por uma tamanha ignorância que nada mais possa conhecer da verdade. Isto é patente no próprio demônio, o príncipe do mal, o qual, embora tenha-se corrompido a tal ponto que nada mais ame do bem, ainda assim não lhe foi possível tornar-se cego a tal ponto que nada mais conheça da verdade. Corretamente, portanto, se diz que o homem foi deixado semi-vivo, pois ainda que pelos males primordiais tivesse se corrompido em parte, não está, todavia, inteiramente cego. Não é de se admirar, pois, que mesmo depois de assim ser ferido, tenha vivido aquele ao qual foi deixada uma centelha de algum entendimento; a espada do inimigo não pôde extinguir completamente o homem, na medida em que nele não pôde destruir completamente a dignidade do bem da natureza.

Vemos assim que, embora o homem sofra com a marca do pecado original, que lhe obscurece a inteligência e inclina a vontade ao mal, ainda permanece aberta a possibilidade de resgate, já que sua inteligência não pôde ser totalmente obscurecida. É justamente a obra da restauração humana, esse resgate divino, que Deus opera em nós por meio da graça do Espírito Santo, concedida por meio da fé que opera pela caridade.

As criaturas invisíveis

Vimos que um personagem central no relato da queda é a serpente. Ela representa o demônio, criatura espiritual criada por Deus que, no uso de sua liberdade, decidiu servir apenas a si mesmo e não a Deus. No Credo fazemos referências a essas ‘criaturas invisíveis’. Criaturas espirituais, feitas à imagem de Deus, tiveram, como os homens, um momento de decisão sobre servir a Deus ou a si mesmos, no exercício de sua liberdade (cfr. CIC 328-336 e 391-395). Os anjos, que se decidiram por Deus, formam sua coorte, são enviados por Deus em missões específicas e cuidam dos homens (anjos da guarda). Os que negaram a Deus são os demônios, encabeçados por Satanás. Este é apenas uma criatura, de poder limitado, ainda que poderoso, por ser puro espírito. Desempenha um papel importante no pecado original. Movido pelo ódio a Deus e ao reino de Cristo, ele atua por meio da mentira, buscando a todo custo afastar o homem do conhecimento da verdade. Mas até mesmo essa ação, que causa grandes danos ao homem e a sociedade, é permitida pela Providência divina, que dirige a história, como diz o Catecismo da Igreja: “*A permissão divina da atividade diabólica é um grande mistério. Mas «nós sabemos que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (Rm 8, 28)*” (395).

Questões

- O que é o Credo?
- O que é a fé?
- Existem duas formas complementares de se conhecer a Deus. Quais são elas e qual é a diferença entre as duas?
- Por meio de qual analogia podemos ter uma idéia do que seja a Santíssima Trindade?
- O que significa na nossa vida a onipotência divina?
- Como podemos demonstrar que o universo foi criado por um ser inteligente?

- Por que Deus nos criou? E por que criou o mundo?
- Em que consiste a marca do pecado original?
- Além do homem e do próprio Deus, existem outros seres inteligentes? Quais?

Conteúdo:

- O Credo: símbolo da fé
- Fé: ato da inteligência movido pela vontade e iluminado pela graça
- Deus: Uno e Trino
- A criação do mundo
- A criação do homem
- O pecado original
- Os seres espirituais

Bibliografia básica: CIC 185-421; Compêndio do CIC

- 33-78; Fé Explicada - pg. 20-67

Leituras Complementares

1 – Sermo LXI, de Hugo de São Vítor

Sobre a Obra dos Seis Dias

"No princípio criou Deus o céu e a terra"

(Gen. 1, 1).

No primeiro dia fez Deus a luz primordial, no segundo o firmamento, no terceiro congregou as águas inferiores em um único lugar, no quarto fez os luminares, no quinto as aves e os peixes, no sexto os animais. Criado, pois, o mundo, ordenado e ornamentado, e preparado primeiro tudo o que fosse necessário, cômodo e agradável ao corpo do homem, naquele mesmo sexto dia fez também Deus o homem, constituindo-o senhor de tudo e possuidor de todas as coisas. Deste modo, embora tenha sido criado posteriormente no tempo, por causa de sua dignidade, o homem é anterior e superior a todas as demais criaturas. Deus fez, efetivamente, o mundo sensível por causa do homem, para que o mundo estivesse submetido ao seu corpo, o corpo ao espírito, e o espírito ao Criador.

Preparou também o Criador dois bens para o homem, visto ele ter sido feito de uma dupla natureza. Um destes bens era visível, o outro invisível; um era corporal, o outro espiritual; um transitório e outro eterno, ambos plenos e perfeitos em seus gêneros. O primeiro destes bens foi feito para o corpo, o segundo para o espírito, para que pelo primeiro os sentidos do corpo fossem favorecidos à alegria e pelo segundo os sentidos da alma se saciassem pela felicidade. Para o conforto do corpo e para a alegria do espírito, os bens visíveis haviam sido feitos para o corpo e os invisíveis para o espírito. O primeiro destes bens foi concedido por Deus para que fosse gratuitamente possuído; o segundo foi prometido para que fosse buscado pelo mérito. O bem que era visível foi concedido

gratuitamente, para que, pelo dom gratuito, ficasse demonstrada a excelência da promessa; e o que era invisível foi proposto para que fosse buscado pelo mérito, para que pudesse também ser demonstrada a fidelidade de quem o prometia. Depois que o homem, porém, obscurecido pelas trevas do pecado, perdeu o olho da contemplação, a totalidade das coisas visíveis não somente continuou a lhe oferecer o amparo para a sustentação do corpo, como também passou a lhe prestar o auxílio para a apreensão do conhecimento divino. De fato, está escrito:

"As coisas invisíveis de Deus, depois da criação do mundo, tornaram-se visíveis ao entendimento pelas coisas que foram feitas" (Rom. 1, 20).

Três são as coisas invisíveis de Deus: a potência, a sabedoria e a benignidade, e destas três procede tudo o que foi feito. A potência cria, a sabedoria governa, a benignidade conserva. Estas três coisas, porém, assim como em Deus são inefavelmente apenas uma única, assim também não podem ser separadas nas operações exteriores de Deus. Nelas a potência divina cria pela benignidade com sabedoria, a sabedoria governa pela potência benignamente e a benignidade conserva pela sabedoria com poder. A imensidade das criaturas manifesta a potência divina, a beleza a sua sabedoria, e a utilidade a sua benignidade. A criação das coisas visíveis é um grande dom de Deus e um grande bem para homem pois por elas o corpo é sustentado e a alma, iluminada pela contemplação das mesmas, é admiravelmente sublimada ao conhecimento, à admiração e ao amor de seu Criador.

Efetivamente, o Deus escondido chega à notícia do homem de quatro maneiras, das quais duas são interiores e duas são exteriores. Interiormente, pela razão e pelo desejo; exteriormente, pela criatura e pela doutrina. A razão e a criatura pertencem à natureza, o desejo e a doutrina pertencem à graça.

Ditas estas coisas, e tendo mencionado brevemente a obra dos seis dias, vejamos que ensinamentos morais se encontram escondidos nas mesmas e investiguemos com diligência o que nos poderá ser de proveito para a nossa edificação.

"No princípio criou Deus o céu e a terra"
(Gen. 1, 1).

O céu é o espírito, a terra é o corpo. Pelo céu, de fato, pode-se convenientemente entender o espírito do homem, formado à imagem e semelhança de Deus, criado para o conhecimento, para o amor e para a busca e a posse dos bens celestes. Pela terra entendemos o corpo do homem, que é de terra, e à terra muito brevemente haverá de retornar, conforme se encontra escrito:

"Tu és terra, e à terra hás de voltar" (Gen. 3, 19).

Céu, que na língua latina se diz 'coelum', vem de 'celare', que significa ocultar. O céu, assim, é o espírito, porque ao seu bel prazer nos oculta as coisas que há nele, do mesmo modo como também está escrito:

"Qual dos homens conhece as coisas que são do homem, senão o espírito do homem, que está nele?" (1 Cor. 2, 11).

A terra, por sua vez, é o corpo, porque cotidianamente esmagado, - 'teritum' na língua latina -, até que à terra retorne. O céu, também, é o espírito e a terra é o corpo porque assim como o céu é mais sublime e mais sólido do que a terra, assim também o espírito é mais excelente do que o corpo.

O mundo, em seu caos primordial, é o homem em sua iniquidade. Assim como, de fato, no mundo ainda

envolvido no caos primordial não havia nem luz nem aparência de ordem futura, assim também para o homem submetido à iniquidade nem a luz brilha pelo conhecimento da verdade, nem a ordem se faz presente pela disposição da equidade.

Em meio ao caos Deus cria, no primeiro dia da vida espiritual, a luz primordial, quando, pelos raios de uma luz interior, ilumina o pecador imerso na confusão de seus diversos pecados, para que conheça não só o que ele é como também e o que deve ser, e se disponha a si mesmo segundo a norma do reto viver. A luz primordial significa, portanto, o conhecimento do pecado.

O firmamento entre as águas superiores e inferiores é o discernimento entre os vícios e as virtudes. As águas inferiores, de fato, designam os vícios, e as águas superiores as virtudes. Coloca-se um firmamento entre ambas as águas quando pela virtude do discernimento distinguem-se as virtudes dos vícios e os vícios das virtudes.

Sucedese depois a congregação das águas que estavam sob o firmamento. A congregação das águas significa o domínio dos vícios. Os vícios, de fato, não podem nesta vida ser inteiramente evacuados ou eliminados dos recônditos da natureza humana por causa de seus aguilhões que residem naturalmente em nós; devem, portanto, o quanto for possível, mediante o auxílio da graça divina, ser dominados, diminuídos e reduzidos a um único lugar, para que não se disseminem pelo todo, tudo ocupem e corrompam, impedindo nossos sentidos da busca da verdade, nossos desejos do exercício da virtude e nossos membros da exibição da boa obra. Assim como, de fato, a terra ocupada pelas águas não pode germinar, assim nós, imersos nos vícios, não entenderemos o sentido da busca da verdade, nem desejaremos o exercício das virtudes ou poderemos usar de nossos

próprios membros para a exibição das boas obras. As águas, congregadas em um só lugar, fazem com que o ar se torne claro e aquecido e com que a terra germine porque, dominados os vícios, a nossa alma brilha pelo conhecimento, aquece-se pelo amor, e a carne frutifica pela boa ação.

A criação dos luminares significa, removida a nebulosa cegueira da ignorância, a perfeita visão da verdade. O Sol pode significar o conhecimento das coisas que pertencem à Santa Igreja; as estrelas o conhecimento das coisas que pertencem a qualquer criatura ou a qualquer alma fiel.

Os peixes, que vivem no mundo inferior, isto é, nas águas, significam as solitudes das boas ações, exercidas entre as ondas escorregadias da vida. As aves, que voam nas alturas, significam a contemplação dos bens celestes, pela qual nos elevamos das coisas inferiores às superiores.

Os animais terrestres significam os sentidos de nosso corpo, pois os animais tem os sentidos em comum com os homens. Ademais, quando nossos sentidos corporais, antes corrompidos pela vaidade, são restaurados pela graça divina, eles se tornam em nós como os animais feitos por Deus no sexto dia da obra da criação.

Realizadas que foram todas estas coisas, por último é criado o homem à imagem e semelhança de Deus pois, ordenadas desta maneira em nós todas as coisas pelas virtudes e pelas boas obras, o pecador, que antes era deforme e dessemelhante pela culpa, torna-se conforme e consemelhante a Deus pela justiça. O homem, assim criado, é finalmente transportado para o paraíso das delícias, pois o pecador regenerado no mundo pela graça é sublimado ao céu pela glória.

Eis, irmãos caríssimos, um outro mundo. Tanto este

mundo maior como o mundo sensível foram criados antes de todos os dias. Nos três primeiros ambos foram ordenados e nos três seguintes ambos foram ornamentados.

Vejamos, pois, caríssimos, se assim como possuímos a existência pela criação, também possuímos a ordenação pela graça, e o ornamento pela excelência da vida. Vejamos se existe em nós a luz primordial pelo conhecimento dos nossos pecados, se existe o firmamento pelo discernimento dos vícios e das virtudes, se as águas se congregam pelo domínio dos vícios, se as árvores e a erva verde germinam pelo exercício das virtudes. Vejamos também se há em nós luminares pelo conhecimento da verdade, se há peixes pela exibição das boas obras, aves pelo vôo da contemplação, animais por uma sensualidade já imaculada. Vejamos se em nós a dignidade humana foi restaurada pela justiça, aquela mesma que havia sido foi deformada pela culpa, e se, finalmente, podemos constatar que tudo quanto fizemos "*é imensamente bom*" (Gen. 1,31), para que possamos descansar com Deus e em Deus pela boa consciência.

Se for tudo assim, também pela glória poderemos nelas descansar, para que se cumpra em nós o que se encontra em Isaías, onde se diz:

"De sábado em sábado, toda a carne virá prostrar-se diante de mim e me adorará, diz o Senhor" (Is. 66, 23).

E que, para tanto, digne-se vir em nosso auxílio Jesus Cristo, Senhor Nosso, que é Deus, bendito por todos os séculos.

Amém.

Leitura Complementar 2 – Sermo LXX, de Hugo de São Vítor

Sobre o dia de Pentecostes

"Graça e glória dará o Senhor" (Salmo 83, 12).

Caríssimos, o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus para isto: para que pudesse ser participante pela graça daquele bem que Deus é por natureza. À imagem de Deus foi feito segundo a razão, à semelhança de Deus segundo o amor. À imagem segundo o conhecimento da verdade, à semelhança segundo o amor da virtude. À imagem segundo o intelecto, à semelhança segundo o afeto. Deus artífice fez assim a criatura à sua imagem e semelhança para que, sendo feito à semelhança de Deus, a Deus amasse e, conhecendo e amando, possuísse a Deus, e possuindo pudesse ser bem aventurado, assim como em um só elemento, a saber, o fogo, há duas coisas diversas e distintas entre si, isto é, o esplendor e o calor. Nem o esplendor é o calor, nem o calor é o esplendor, porque o esplendor brilha e é visto, enquanto que o calor arde e é sentido; nem o esplendor arde ou é sentido, nem o calor brilha ou é visto. Assim também na criatura humana a imagem e a semelhança de Deus parecem ser diversas e de certo modo distintas entre si, pois segundo aquele bem pelo qual foi feito à imagem de Deus a própria criatura humana brilha para o conhecimento e segundo aquele bem pelo qual foi feito à semelhança de Deus aquece-se ao amor. Que, porém, a imagem e a semelhança de Deus possam ser tomadas segundo as precedentes distinções, os doutores o declaram ao exporem as palavras do salmista, onde se lê:

*"Levanta sobre nós a luz do teu rosto, ó Senhor!
Infundiste a alegria no meu coração"*
(Salmo 4, 7-8).

[Esses doutores] distinguem na luz que se levanta

sobre nós ou em nós, a divina imagem, indicada na discrição da razão; já na alegria distinguem a divina semelhança, indicada na radiosidade do amor.

O homem, portanto, criado à imagem e semelhança de Deus, foi ele próprio constituído como que na parte mais excelente da providência divina como senhor do mundo no paraíso das delícias. A mesma divina providência acrescentou à razão do homem a advertência necessária para conservar o bem que possuía e o instruiu na busca e na obtenção dos bens que ele ainda não possuía pelo preceito da obediência juntamente com a operação da graça. O demônio, porém, viu e invejou que aquele homem subiria pela obediência ao lugar de onde ele próprio pela soberba havia caído. Como, no entanto, não poderia causar-lhe dano pela violência, voltou-se para a fraude, para poder vencer pela trapaça ao homem, a quem não poderia superar pela virtude. Enganando assim o demônio ao homem, infligiu-lhe dois males principais que se opõem a estes dois bens principais, ferindo-o com duas chagas mortais. Onde o homem havia sido feito à imagem de Deus segundo a razão, feriu-o pela ignorância do bem. Onde o homem havia sido feito à semelhança de Deus segundo o amor, feriu-o pelo desejo do mal. Estes são os dois males principais a partir dos quais procedem todos os demais males do homem. Da ignorância procede o delito, da concupiscência procede o pecado. O delito ocorre quando não se faz o que deveria ser feito. O pecado ocorre quando se faz o que não se deve fazer. O homem, portanto, espoliado e ferido, espoliado dos bens, ferido pelos males, foi deixado semivivo, pois ainda que na natureza humana a divina semelhança que consiste no amor possa ser inteiramente corrompida, todavia a imagem divina, que está na razão, não pode ser totalmente apagada. De fato, embora a malícia possa tomar conta de alguém a tal ponto que nada mais ele possa desejar de bom, ninguém pode, porém, tornar-se cego por uma

tamanha ignorância que nada mais possa conhecer da verdade. Isto é patente no próprio demônio, o príncipe do mal, o qual, embora se tenha corrompido a tal ponto que nada mais ame do bem, ainda assim não lhe foi possível tornar-se cego a tal ponto que nada mais conheça da verdade. Corretamente, portanto, se diz que o homem foi deixado semi-vivo, pois ainda que pelos males primordiais tivesse se corrompido em parte, não está, todavia, inteiramente cego. Não é de se admirar, pois, que mesmo depois de assim ser ferido, tenha vivido aquele ao qual foi deixada uma centelha de algum entendimento; a espada do inimigo não pôde extinguir completamente o homem, na medida em que nele não pôde destruir completamente a dignidade do bem da natureza.

O salmista canta este entendimento onde diz:

"Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto" (Salmo 50, 12).

Pelo coração puro, de fato, o salmista designa a semelhança divina, e pelo espírito reto designa a divina imagem. Enquanto pede que lhe seja criado um coração puro, pede que lhe seja renovado o espírito reto, indicando com correção que a divina semelhança pode ser inteiramente corrompida, enquanto que a divina imagem nunca pode ser totalmente destruída. Ali, de fato, onde nada restou de bom, se o bem é restaurado, estará sendo criado, e ali, onde algo de bom ainda existe, ele se renova. A pureza do coração consiste no perfeito amor de Deus e a retidão do espírito na saúde da razão. Concorda também com este sentido aquele outro verso do Salmo 103:

"Todos, Senhor, esperam de ti. Envia o teu espírito, e serão criados, e renovareis a face da terra" (Salmo 103, 27-30).

O homem, portanto, foi honrado por estes dois bens

principais. Não entendeu, porém, a honra a que tinha sido elevado; e, consentindo ao demônio, corrompeu em si estes dois bens pelos males de que já falamos. Não podendo, depois disto, nem desfazer-se deste mal, nem sendo capaz de reformar o bem que ainda possuía, a divina providência concedeu-lhe estes dois principais remédios pelos quais poderia curar-se dos males que lhe haviam sido infligidos e recuperar os bens que havia perdido; são estes o conselho e o auxílio.

Para que o homem conhecesse a sua enfermidade, foi em primeiro lugar entregue inteiramente a si próprio, para não suceder que viesse a julgar a graça como coisa supérflua, não conhecendo antes o defeito de sua enfermidade. Veio assim o tempo da lei natural, para que a natureza operasse por si própria, não porque pudesse alguma coisa por si mesma, mas para que conhecesse a sua impossibilidade. Entregue a si mesmo, começou a afastar-se da verdade pela ignorância; obrigado a admitir a sua cegueira, seria depois também obrigado a admitir a sua enfermidade. Foi-lhe dado, então, a lei escrita, para que iluminasse a sua ignorância, mas não fortalecesse a sua enfermidade, para que o homem pudesse ser ajudado naquela parte em que tivesse reconhecido o seu defeito, sendo abandonado, porém, a si próprio ali onde ele ainda achava que poderia sustentar-se por si próprio. Recebida, assim, a ciência da verdade que lhe veio através da lei, principiou o homem a esforçar-se para progredir; pressionado, porém, pelo desejo do mal, pois não possuía o auxílio da graça, foi incapaz de entregar-se à obra da virtude. A sentença do apóstolo concorda perfeitamente com este sentido, ali onde diz:

"Pois pelas obras da lei não será justificado nenhum homem diante de Deus" (Rom. 3, 20).

E também:

"A lei nenhuma coisa levou à perfeição"

(Heb. 7, 19).

Por quê? O que nos vem pela lei? Apenas o conhecimento do pecado a que estamos submetidos. Pela lei nos vem apenas o conhecimento do pecado, não a sua extinção. A lei preceitua ensinando, mas o homem que possuía o conselho da lei sem possuir o auxílio da graça era incapaz de praticá-la. A lei dava o conhecimento do que deveria ser feito, não, porém, o vigor para fazê-lo. O pobre enfermo continuaria em sua fraqueza a não ser que o médico que lhe havia dado o conselho de escapar dela lhe oferecesse também o seu remédio. Não pode o homem enfraquecido pelo pecado justificar-se apenas pela lei, a não ser que se lhe ofereça a graça, que é o remédio do pecado. O homem foi assim obrigado a admitir ambas estas coisas, isto é, que por si próprio não poderia nem conhecer a verdade, nem realizar o bem. No tempo da lei natural foi obrigado a admitir a sua cegueira; no tempo da lei escrita a sua enfermidade. Foi assim que o profeta Davi, vendo que nem a natureza, nem a lei poderiam ser suficientes para libertar o homem, compreendendo a graça ser necessária e observando na lei a benevolência divina para com o gênero humano, exortou a si próprio e a todos para que confiassem não nas obras da lei mas na graça de Deus, dizendo:

"A graça e a glória dará o Senhor" (Salmo 83,12).

Assim, depois que o homem conheceu sua cegueira e sua enfermidade, convenientemente lhe foi dada a graça, pela qual se iluminaria o cego e se sararia o enfermo; iluminaria a ignorância, esfriaria o desejo do mal; iluminaria para o conhecimento da verdade, inflamaria ao amor da virtude. Por causa disso o Espírito foi dado em fogo, para que tivesse luz e chama. Luz para o conhecimento, chama para o amor.

A sagrada solenidade desta dádiva excelente e perfeita, *"que vem do alto e descende do Pai das luzes"* (Tg. 1, 17), não é coisa nova, desconhecida e repentina, mas é antiga, célebre e autêntica, já celebrada figuradamente por Moisés e pelos filhos de Israel no monte Sinai. A lei, de fato, *"foi dada por Moisés, a graça e a verdade foram feitas por Jesus Cristo"* (Jo. 1, 17). A lei foi dada no alto do monte, a graça foi dada no alto do cenáculo. A lei foi dada nos fulgores do fogo, a graça foi dada em línguas de fogo. A lei foi dada para doze tribos, a graça foi dada primeiro para doze apóstolos. A lei foi escrita em duas tábuas, a graça se consuma nos dois preceitos da caridade. A lei foi escrita pelos dedos de Deus em tábuas de pedra, a graça foi escrita pelo Espírito Santo em corações humanos. A lei foi dada no quinquagésimo dia depois de ter sido celebrada a Páscoa na terra do Egito, a graça foi dada no quinquagésimo dia depois da ressurreição do Senhor. De fato:

"Quando se completaram os dias do Pentecostes, estavam os discípulos igualmente no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um estrondo, como de um vento que soprava impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceram-lhes repartidas umas como línguas de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. E foram todos cheios do Espírito Santo" (Atos 2, 1-4).

A plenitude do Espírito está na cabeça, e sua participação está nos membros. A cabeça é Cristo, o membro é o cristão. A cabeça é uma, os membros são muitos; e o corpo é constituído de cabeça e membros, e um só Espírito em um só corpo. Se, pois, há um só corpo e um só Espírito, quem não está no próprio corpo não pode ser vivificado pelo Espírito, assim como está escrito:

"Se alguém não tem o Espírito de Cristo, este não é dele" (Rom. 8, 9).

Quem, portanto, não possui o Espírito de Cristo, não é membro de Cristo. Um só corpo, um só Espírito. Nada há de morto no corpo, nada há de vivo fora do corpo. Essa é aquela unção na cabeça a qual *"desce sobre a barba, a barba de Aarão, que desce até a orla de seu vestido"* (Salmo 132, 2). A cabeça, conforme dissemos, significa Cristo, que é a cabeça de todos os fiéis. A barba, que está junto à cabeça e é sinal de virilidade, designa os apóstolos, que aderiram a Cristo enquanto ele vivia no mundo, junto com ele comeram e beberam, ouviram a sua doutrina de salvação, viram seus milagres e, depois de sua ascensão, tendo recebido o Espírito Santo, mais plenamente fortalecidos, agiram com virilidade, pregando a fé em Cristo pelos reinos do mundo, sendo levados por causa de seu nome aos tribunais, flagelados nas sinagogas, conduzidos diante de reis e governantes: e em tudo isto foram vencedores. A unção, portanto, do Espírito Santo, que está na cabeça em sua plenitude, "desce", por participação, "sobre a barba", isto é, sobre os apóstolos, quando Cristo lhes diz "recebei o Espírito Santo" (Jo. 20, 22). E também quando, depois de sua ascensão, ele lhes enviou o mesmo Espírito. Desceu "até a orla de seu vestido", porque o mesmo Espírito é concedido aos santos que haverá no futuro até o fim do mundo.

E agora, caríssimos, volvamos nosso olhar a nós mesmos, e observemos se nos purificamos de toda mácula da carne e do espírito, para que possamos dignamente nesta solenidade sagrada possuir ou receber o Espírito Santo:

"Na alma maligna não entrará a sabedoria, nem habitará no corpo sujeito ao pecado, porque o Espírito Santo, que a ensina, foge das ficções, afasta-se dos pensamentos que são sem

entendimento, e é expulso pela iniquidade superveniente" (Sab. 1, 4-5).

Imitemos, pois, os nossos pais, os santos apóstolos, de cujas obras recebemos nosso odor. Imensamente recomendável e digno de imitação é o que deles foi escrito:

"Estavam todos igualmente no mesmo lugar"
(Atos 2, 1).

Estejamos também nós, irmãos, igualmente não apenas no mesmo lugar da casa, mas também em uma só fé, esperança, caridade, devoção, oração, invocação e expectativa do Espírito Santo, para que igualmente mereçamos sua aceitação e participação para que, sejamos por Ele justificados no tempo, assim como igualmente glorificados na eternidade.

Digne-se para tanto Jesus Cristo, Nosso Senhor, vir em nosso auxílio, ele que é Deus, bendito por todos os séculos.

Assim seja.